

# DESENHOS NA ÁFRICA DO SUL:

DESENHAR PARA VER, PARA DIZER

E PARA SENTIR

AINA AZEVEDO<sup>1</sup>

Os desenhos deste ensaio fazem parte do Caderno de Imagens da tese “Conquistas Cosmológicas – pessoa, casa e casamento entre os Kubheka de KwaZulu-Natal e Gauteng”, defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Esta pesquisa foi desenvolvida na África do Sul, ao longo de 2010 e 2011, junto à família Kubheka – negra e falante de isiZulu – que, após anos de busca por um lugar seguro para viver, recebeu uma fazenda do governo democrático através do programa de Reforma da Terra. Em sua nova casa, os Kubheka tiveram a oportunidade de realizar o casamento da mãe da família, falecida há anos. Desse modo, a tese tratou das relações constitutivas das pessoas e de seus lugares de morada através dos rituais, em que se destacou o casamento e a presença dos ancestrais.

Embora eu já desenhasse, não havia planejado fazer isso em campo, ou seja, não havia refletido sobre o desenho na Antropologia – como método de pesquisa e forma de produção e exposição do conhecimento –, nem preparado os materiais necessários para esta finalidade – suporte, canetas, tintas, etc. Por hábito, usava a mesma caneta descartável *nankim Uni Pin Fine Line Mitsubishi* com diferentes espessuras e o mesmo suporte – diários com folhas não pautadas – tanto para escrever quanto para desenhar.

---

<sup>1</sup> Atualmente é colaboradora do Núcleo de Antropologia Visual/NAVIS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [ainaazevedo@gmail.com](mailto:ainaazevedo@gmail.com)

Estes acasos, juntos, permitiram que o desejo de desenhar em campo fosse realizado sem maiores problemas técnicos, embora a dúvida quanto a esta prática me fizesse questionar, a todo momento, o motivo pelo qual desenhava.

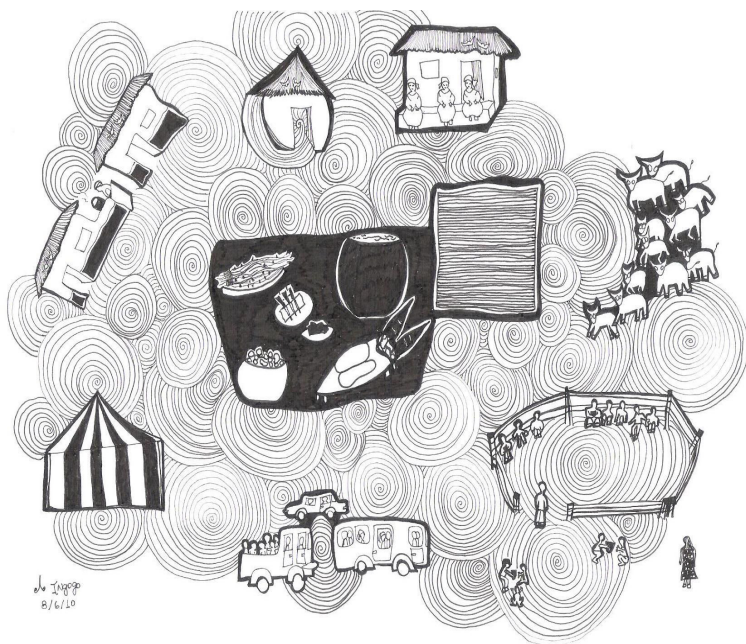
Neste breve ensaio, os desenhos escolhidos buscam mostrar um pouco do porquê. Trata-se de desenhos feitos no calor de eventos e de presenças arredias a uma descrição cuja linearidade da escrita pudesse estabelecer causas e efeitos.



ATERRISSAGEM, 2010

Local: Aeroporto de Johannesburg, África do Sul

Este foi o primeiro desenho que fiz na África do Sul, logo após a aterrissagem naquele país e que motivou a realização de outros 20 desenhos. Aqui, uma mulher negra angolana carrega o seu filho nas costas, preso por uma *capulana* e, desse modo, tem as mãos livres para levar as bagagens. No momento em que desenhei esta mulher, não sabia o que era uma *capulana*, mesmo assim, os traços do desenho guardaram as marcas desta estampa que tão bem define as mulheres moçambicanas e angolanas, distinguindo-as das sul-africanas que, para esta técnica corporal, usam toalhas lisas ou cobertores.



UMSEBENZI – RITUAL DEDICADO AOS ANCESTRAIS, 2010

Local: Ingogo (interior da província de KwaZulu-Natal, África do Sul)

Os elementos deste desenho surgiram ao longo de um ritual dedicado aos ancestrais, realizado na área rural de Ingogo, e que teve início em uma quinta-feira. Naquele primeiro momento, um bode foi sacrificado e consumido apenas pela família da casa. Esta parte do ritual corresponde ao centro escuro do desenho, onde estão os chifres do animal, sangue cozido, cerveja a fermentar e outras oferendas.

Já no sábado, ocasião em que o consumo de uma vaca era feito por muito mais gente – familiares, amigos e vizinhos –, diversos elementos surgiram no terreno da casa. Havia uma tenda alugada, táxis (vans de transporte alternativo) a levar e a trazer as pessoas, homens que consumiam cerveja ritual no *kraal* (curral em que humanos, gado e ancestrais se relacionam), oferendas na casa redonda e cozinha ao ar livre. Estes últimos elementos encontram-se ao redor do centro do desenho e estão conectados por linhas circulares que indicam a fabricação arredondada do espaço por meio de danças, cantos e da presença dos ancestrais. Eu estou no canto direito, abaixo.

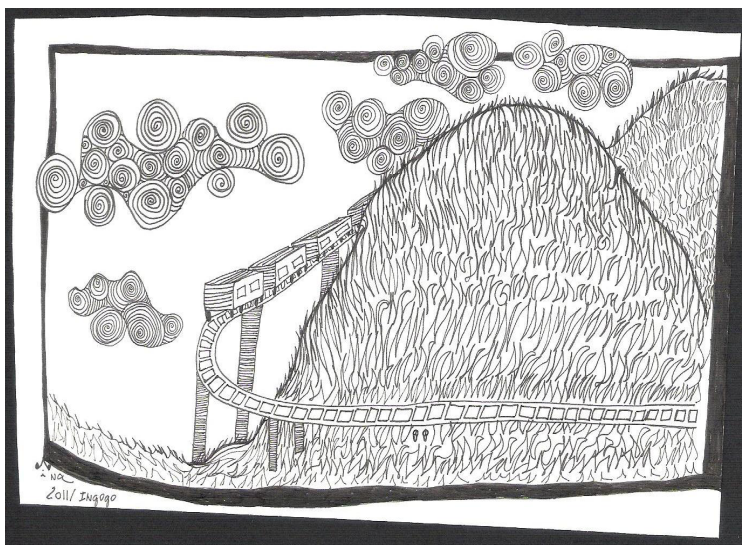
Este foi o primeiro Umsebenzi de que participei e, por não saber ao certo como nomear o que percebia, desenhei. Aqui, a temporalidade do ritual, que se estende ao longo de dois dias principais, pode ser percebida simultaneamente.



Titulo: CABELO MÁGICO, 2010

Local: Ingogo (interior da província de KwaZulu-Natal, África do Sul)

Este desenho foi motivado por uma brincadeira com as crianças negras com quem convivi em campo e que, a princípio, eram arredias e distantes. Comecei a jogar as crianças para cima e quando me cansei da brincadeira, me sentei no chão. A menor delas se aproximou e começou a mexer no meu cabelo. Dizia que era bonito e que eu deveria fazer tranças. Logo, as outras crianças também se aproximaram. Cada uma pegava uma mecha, se revezavam no meu colo e faziam elogios sobre o cabelo. Antes disso, nós não nos tocávamos com intimidade. Por meio do cabelo, uma espécie de reconhecimento tátil e afetivo nos aproximou.



ÁGUA, TREM E CHINELINHAS, 2011

Local: Ingogo (interior da província de KwaZulu-Natal, África do Sul)

Aos pés da montanha, nos fundos da fazenda em que os Kubheka passaram a viver depois de contemplados pelo programa de Reforma da Terra, havia um pequeno aglomerado de casas de famílias negras sem-terra. Eventualmente, íamos visitar o povoado. Certa vez, soube que uma das moradoras do local foi buscar água do outro lado da linha do trem e sua filha quis acompanhá-la, mas a mãe disse para ela ficar. Quando voltou, a mãe encontrou as chinelinhas da filha na beira da linha do trem. Depois dessa tragédia, a mãe passou a vagar, louca, pelas estradas da redondeza.

Dificultar ou proibir o acesso a fontes de água é uma das formas de impedir a permanência de famílias negras sem-terra no interior das propriedades de fazendeiros brancos.